

HERZOG BLAUBARTS BURG / 1964

“ O Castelo do Barba Azul”

Um filme de Michael Powell

Realização: Michael Powell / Argumento: tradução alemã do libreto de Bela Balazs para a ópera *O Castelo do Duque Barba-Azul* de Bela Bartok / Fotografia: Hannes Staudinger / Montagem: Paula Dvorak / Música: Bela Bartok, interpretada pelos Zagreber Philharmoniker sob a direção de M. Horvath / Direção Artística: Hein Heckroth / Intérpretes: Norman Foster (Barba-Azul) e Anna Raquel Sartre (Judite).

Produção: Norman Foster e Suddeutscher Rundfunk / Cópia: DCP, cor, versão original legendada em inglês e eletronicamente em português / Duração: 62 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado pela primeira vez no nosso País, a 26 de Outubro de 1990, na Cinemateca Portuguesa, integrado no Ciclo dedicado a Michael Powell.

Tal como Beethoven, Bela Bartok compôs uma única ópera, *O Castelo do Duque Barba-Azul* (*A Kékszakállú Herceg Vara*, na versão original húngara), com libreto de Bela Balazs, uma obra insólita, que figura só muito raramente no repertório dos grandes teatros de ópera internacionais, mas que é, não obstante, uma das óperas mais interessantes compostas no século XX. A estreia deu-se a 24 de Maio de 1918, em Budapeste. No entanto, foi só nos anos cinquenta que a obra foi estreada em Nova Iorque (1952) e em Londres (1957), altura, possivelmente, em que o realizador Michael Powell tomou contacto com esta ópera tão adequada aos seus talentos cinematográficos.

O tema em si não era novidade tanto na ópera como no cinema. Com efeito, a personagem de Barba-Azul, derivada, porventura da figura do egrégio Gilles de Rais de devassa memória, é uma criação de Perrault na sua colectânea, publicada em 1697, intitulada *Contes de Ma Mère l'Oye*, e serviu de entrecho à ópera de Grétry *Raoul Barbe-Bleu*, representada pela primeira vez no ano fatídico de 1789. Outras versões operáticas conhecidas são o *Barbe-Bleu* de Offenbach (1866), *Ariane et Barbe-Bleu* de Dukas (1907) e *Ritter Blaubart* de Reznicek (1920); mas a obra de Bartok relega todas estas versões para segundo plano, em virtude de ter sido, em primeiro lugar, melhor compositor do que todos os outros e por ter optado por uma interpretação da história do Duque uxoriOSO mais subtil e menos estereotipada. Para Bartok, Barba-Azul não é primo direito de Drácula na encarnação de Bela Lugosi, mas sim - para pegarmos numa analogia cinéfila - uma figura parecida com aquela que James Mason interpreta em **Pandora and the Flying Dutchman** (1950) de Albert Lewin. Só que Judite, a Pandora-Ava Gardner de Barba-Azul, desilude o pobre atormentado em vez de o redimir, invertendo-se, nesta versão, o papel tradicional da vítima, situação que nos remete,

indirectamente talvez, para o desfecho sombrio das histórias de Orfeu e Eurídice, Eros e Psique, Zeus e Sémele... todos os mitos, enfim, em que o amor é aniquilado pela perniciosa curiosidade humana.

No cinema, Barba-Azul também já tinha barbas quando Michael Powell realizou o seu filme bartokiano. Edgar G. Ulmer é talvez o nome que ressalta mais neste panorama, com o seu filme **Bluebeard** (1944) com John Carradine. George Sanders também foi Barba-Azul em 1960 para W. Lee Wilder (**Bluebeard's Ten Honeymoons**) e, já em 1972, Richard Burton sê-lo-ia também para Edward Dmytryk (**Bluebeard**). Mas a versão mais divertida de todas pouco tem que ver com Perrault ou com o terror sinistro que a personagem suscita: **Bluebeard's Eighth Wife** (1938), de Ernst Lubitsch, com Gary Cooper, um Barba-Azul inesquecível numa comédia hilariante, que Sam Wood já realizara para a Paramount, em 1923, com Gloria Swanson e Huntley Gordon.

Se o filme de Lubitsch é uma crítica mordaz da forma estereotipada de tratar a história de Barba-Azul, a ópera de Bartok, como se disse, não o é menos, pois em vez de provocar repulsa pela personagem, suscita, antes, compaixão por aquele ser patologicamente carente de amor e confrangedoramente só. Mas Michael Powell não resistiu à tentação de reforçar, um pouco, o ambiente sombrio e quase terrífico que a história estava mesmo a pedir - tanto mais que a criação de ambientes e personagens demoníacos, como se vê por filmes como **The Red Shoes**, **The Tales of Hoffmann** e **The Sorcerer's Apprentice**, era algo para que o cineasta tinha uma queda notável. Claro que, neste aspecto, a herança do expressionismo alemão é um factor a ter em conta; mas é a demência delirante do estilo visual de Powell que sobreleva qualquer questão de influências germânicas ou outras: cada plano deste filme é imediatamente reconhecível como puro Powell, seja ele de Norman Foster em Barba-Azul com todos os seus cambiantes de demónio a amante apaixonado, de Anna Raquel Sartre, surpreendentemente fotogénica no seu leito de púrpura, ou de pormenores arrepiantes dos fantásticos cenários, em que, como tão frequentemente acontece em Powell, as formas são cores que, quer isoladas, quer em fabulosas combinações polícromas, parecem constituir, por si, as próprias formas. A iluminação é fulcral em **Herzog Blaubarts Burg**: transfigura as fisionomias dos cantores-actores e, consoante o que é exigido pela música (magistralmente “transfigurada” em imagem), faz do mesmo espaço um lugar de pesadelo, de magia ou de danação. Inesquecíveis as bolhas criadas pelas lágrimas de sangue no pequeno lago formado por lágrimas antigas e as formas em que se vão transformando.

No conjunto, **Herzog Blaubarts Burg** é muito possivelmente a incursão mais feliz do cinema no mundo da ópera. O que não é dizer pouco. Michael Powell teria sido o realizador ideal para uma série de versões cinematográficas de óperas fantásticas. O que não teria sido uma **Mulher Sem Sombra** de Richard Strauss filmada por Michael Powell! Certamente o filme musical mais espectacularmente bonito de sempre, se formos pela amostra deste maravilhoso Barba-Azul. Mesmo assim, ficando por o que há e não por o que gostaríamos que houvesse, não estamos mal servidos: antes pelo contrário.

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico